

Como a comunicação atravessa e é atravessada pela cognição?

How does communication traverse and is traversed by cognition?

João Damasio da Silva Neto e Pedro Vasconcelos Costa e Silva comentam o artigo de Ramon Queiroz Marlet

João Damasio da Silva Neto

<https://orcid.org/0000-0002-3505-5699>
joaodamasio16@gmail.com

Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos, 2018 até os dias atuais, bolsista Capes Proex), mestre em Comunicação (UFG, 2014-2016, bolsista Capes Demanda Social) e graduado em Jornalismo (Faculdade Araguaia, 2009-2013, bolsista Prouni). É membro do Comitê Editorial do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais e pesquisa a midiatização do espiritismo a partir do imaginário e das práticas museais em circulação.

<http://lattes.cnpq.br/6723681328867269>

Pedro Vasconcelos Costa e Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5324-3645>
pedrovasconceloscsilva@outlook.com

Doutorando em Comunicação Social pelo PPGCOM UNISINOS-RS. Mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM – PUC Minas. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013). Documentarista, diretor do longa metragem Amadores (2018) e dos filmes: Funk da Nossa Gente (2015) e Dolly (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Rádio e Televisão, atuando principalmente nos seguintes temas: Cinema; Cultura; Esporte; Midiatização. Atua no grupo Observatório da Diversidade Cultural.

<http://lattes.cnpq.br/4581676502286129>

O texto cumpre um papel relevante de apresentar amplamente toda uma perspectiva de estudos em Comunicação, pontuando seu desenvolvimento, principais questões e aspectos metodológicos com indicativos e diversas aberturas ao debate.

De fato, a proposição metodológica nos parece densa e muito bem apresentada desde os desenvolvimentos teóricos que embasam e concorrem para as formulações apresentadas até o escrutínio sobre as ferramentas que exigem o trabalho multidisciplinar.

A clareza na exposição da argumentação, pretendida e cumprida por Ramon Queiroz Marlet, permite a ocorrência de diversas questões epistemológicas, para além dos aspectos estritamente técnicos e de viabilidade prática da perspectiva cognitiva.

Seguindo a ordem argumentativa do autor, sinalizaremos nosso entendimento acerca do que o texto faz, seguido por arguição nos formatos de dúvida e de tensionamento. Para facilitar, enumeramos as ações do texto em um parágrafo, comentamos em seguida e por fim destacamos em negrito os questionamentos.

1. Consideramos que o texto introduz a perspectiva cognitiva da comunicação, por meio de uma revisão de literatura associada a reflexões e defesas do próprio autor. Para introduzir, propõe, com base na principal pesquisadora dessa perspectiva (Annie Lang), que se trata de um novo paradigma sobre o estudo da comunicação de massa.

Derivamos duas questões iniciais: primeiro, propomos retomar a já recorrente discussão sobre a noção de “paradigma”. Thomas Kuhn (1982), autor acionado no texto, trata do termo ao propor que o conhecimento científico passa por “revoluções”, sendo necessário que uma ciência normal seja superada por um novo paradigma. O determinismo tecnológico e o estudo dos efeitos limitados foram mencionados no texto como abordagens do paradigma dominante (em superação) sobre a comunicação de massa. Tendo em vista que o determinismo tecnológico

ainda se presentifica no radar de seus críticos (vide Miège *et al.*, 2016), percebemos que o que seriam “paradigmas” em superação na verdade figuram como perspectivas em convivência. Consideramos que não se trata de uma questão de paradigma. Mas, para o autor, **em que medida a perspectiva cognitiva da comunicação pode ser paradigmática?**

Quando o autor sinaliza que a superação do paradigma dominante se dá “*por falhar* em igualar as *observações* sobre o mundo, como também em aumentar o seu *entendimento*”, consideramos que, na verdade, mais que as capacidades lógicas (falhar em observações e entendimentos), há que se considerar a principal tônica kuhniiana, a noção de que as ciências se dão em comunidades científicas. O ato deste pesquisador em apresentar uma perspectiva – a da cognição – não nos parece apenas um acréscimo lógico à questão, mas faz parte dos movimentos sociológicos ao redor desta perspectiva nas ciências da comunicação. **Até que ponto o autor considera a normalização da proposição de modelos cognitivos no campo comunicacional? Ele a vê como viável na formação e constituição das pesquisas da área, ainda que se relevem os desafios orçamentários mencionados no texto?**

2. O texto destaca o papel de Annie Lang como a principal entusiasta dessa corrente teórica, que nasceria da crise paradigmática de duas grandes abordagens da comunicação: a primeira evidenciada por Lowery & Defluer, diretamente relacionada a uma perspectiva tecnodeterminística da teoria dos efeitos, e uma segunda relacionada aos estudos de Lazarsfeld e Berelson sobre uma teoria dos efeitos limitados.

Ambas as perspectivas parecem estar fundadas em um contexto tecnológico de ascensão dos meios de comunicação de massa e da predominância de lógicas de operações discursivas que Braga (2015) denominou de *lógicas da mídia*, resultantes da natureza dos meios de comunicação do século XX.

Para nós, a crise dessas perspectivas também pode estar relacionada com o contexto de desenvolvimento dos meios técnicos, mas sobretudo com a transformação e inserção da mídia em todos os campos sociais, como elemento discursivo de seus atores. Neste sentido, uma contextualização das mudanças destes meios e de suas diversas apropriações sociais pode enriquecer o trabalho, elucidando novos rastros, não só teóricos, mas empíricos, que evidenciem a crise destas duas perspectivas.

O texto critica, ainda, as teorias que “aumentam continuamente sua complexidade, sem aumentar seu poder explicativo”, focalizando a cognição como explicadora de uma série de fenômenos “na compreensão dos sistemas dinâmicos”. Para isso, dirige as questões dessa perspectiva ao indivíduo e ao comportamento.

Na teoria de sistemas, Niklas Luhmann (2018) desenvolveu noções como “sistemas socioindividuais”, possibilitando que, ainda que se avaliem ações individuais, o social seja parte dos problemas a serem investigados. No texto, o autor chega a comentar sobre a “validade ecológica dos resultados obtidos”, mas não ultrapassa a justificativa sobre a questão dos resultados obtidos entre “laboratório especializado” *versus* “contextos mais naturais”. Em contrapartida, então, **qual é a proposição sobre o social comportada no âmbito da perspectiva cognitiva da comunicação? Enfim, quais são as implicações e afetações que a demandam?**

3. O texto afirma que um dos objetivos dessa perspectiva é propor modelos. E, assim, esmiúça o que considera ser o principal modelo – o LC4MP. Detalha conceitos e categorias de análise do LC4MP, o que direciona suas questões ao processamento de informações da mídia pelos humanos, com mediações e motivações sobre seu comportamento ao longo do tempo.

A questão aqui é sobre o alcance da produção de conhecimento a partir de modelos. Na medida em que já estão prescritos os três subprocessos de mensagens por humanos (codificação, armazenamento e recuperação), também representadas nas categorias analisadas no estado da arte (carga cognitiva, memória e processamento motivado), **o modelo já integra uma explicação a priori dos processos comunicacionais? Qual é a possibilidade de se perceber alguma invenção comunicativa dos processos sociais a partir da perspectiva cognitiva?**

4. Para desenvolvimento do modelo, o autor propõe pesquisas multidisciplinares, envolvendo especialmente psicologia, neurociência e psicofisiologia; sendo esta última a de maior vinculação do autor, por ser mais contemporânea e aparentemente objeto de sua tese doutoral. O texto também discute a adequação das ferramentas metodológicas e adianta o debate atualizado acerca das novas possibilidades e de seus limites técnicos, teóricos e metodológicos, abrindo espaço adequado para o debate epistemológico, com o qual pretendemos contribuir.

A procedência e a aplicabilidade do LC4MP não prescindem da multidisciplinaridade. **Como são as experiências com relação a isso no Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas da USP e/ou em outros grupos?**

5. Notamos uma prevalência da “atenção” do indivíduo à mensagem como objeto de análise: “processos psicológicos como *atenção*, percepção, memória, linguagem, entre outros”; “subprocessos cognitivos, como *atenção*, memória, emoção, entre outros”; “especialmente os relacionados à *atenção* e *emoção*”; “sendo um confiável indicador de *atenção* visual”; “indicador de aumento da *atenção* [...] diminuição da *atenção*”; “uma breve *atenção* é dada automaticamente para codificar o estímulo que a

evocou”; “identificar o motivo que gerou maior ou menor *atenção* aos itens da mensagem”; “batimento cardíaco para indicar a *atenção* relativa à sua temática”.

Para além da relevância e factibilidade em pesquisas de mercado e propriamente das ciências da cognição, **qual é a questão de conhecimento deste objeto de análise (a atenção dos indivíduos) nas ciências da comunicação? Em que ponto deixa de ser um interesse exclusivo da cognição para ser problema comunicacional?**

Além disso, a atenção, ou os demais aspectos averiguáveis no processamento de informações, parece-nos um fenômeno abrangente e bastante relevante para diversos e quaisquer tipos de conteúdo. **O que se pode considerar de específico ou exclusivo da mídia e das especialidades da comunicação que possa ser explorado pela perspectiva proposta?**

6. Por fim, uma última questão que nos concerne pelo diálogo possível com um conceito caro à nossa linha de pesquisas – Miatização e Processos Sociais, oportunidade pela qual estamos gratos.

Para Marlet:

Longe de ser um argumento enviesado, tal fato é uma característica natural e evolutiva de nossa própria espécie. Se os estímulos que processamos estão no ambiente, então como não considerar a presença midiática em todas as instâncias de nossa vida, como sugerido pelos estudos de miatização (Hjarvard, 2014)? Portanto, se a mídia está em toda parte (Deuze, 2011), então processamos os seus estímulos o tempo todo! [...] as informações postas em circulação são decorrentes daquilo que os indivíduos processaram e retiveram na memória de uma mensagem original.

Concordamos com a relevância de poder analisar “como os vínculos de sentido são formados em nossa mente e como isso determina uma ação posterior”. Porém, retomariamos, como indicação para o debate, dois textos do Prof. José Luiz Braga, anteriormente debatidos neste GT, que também consideram a questão natural e evolutiva da espécie, mas destacando que há “uma necessidade social correlata ao processo biológico” (Braga, 2015, p. 14) ou que “o específico da espécie não é propriamente acionar códigos – mas sim gerar códigos, substituíveis conforme as pressões do ambiente, social e natural” (Braga, 2017, p. 54). **Haveria um tensionamento sobre a prevalência do social ou do individual?**

Proporíamos, como tensionamento, que as informações postas em circulação são decorrentes não apenas “daquilo que os indivíduos processaram e retiveram na memória de uma mensagem original”, mas de uma

“mudança social e cultural”, como consta em Hjarvard. E, um pouco mais próximo à teorização do sul global, tais informações decorreriam também de transformações de ordem sócio-semio-técnica em processos menos convergentes sobre o campo midiático e mais socialmente experimentais, de divergências e de interpenebrações entre campos e lógicas sociais (Fausto Neto, *in* Miège, 2016).

Vale a pena ainda distinguir a perspectiva institucional sobre a miatização, defendida por Hjarvard (2014), daquelas construídas pelos pesquisadores do sul, que estariam em maior sintonia com o problema levantado pelo artigo. Segundo Hjarvard, “[...] a dimensão institucional da miatização também permite um entendimento de como a lógica das mídias atravessam as lógicas de outros domínios institucionais” (Hjarvard *apud* Braga, 2015, p. 17).

Segundo Braga (2015), a perspectiva *institucional* seria uma abordagem que até reconhece a reação dos campos sociais mediante a penetração midiática, entretanto esta reação é entendida como uma resistência inercial, de modo que as variações observadas nestes campos são tratadas apenas como resultado de uma média entre as lógicas anteriores dos campos e as lógicas recebidas dos meios.

De todo modo, retornamos a nós mesmos a reflexão com a qual Marlet nos brinda de certo modo: **se não apenas como estímulos de uma presença da mídia, como os processos de miatização e da comunicação contemporânea atravessam ou são atravessados pela cognição humana?**

Referências

- BRAGA, José L. 2017. Comunicação gerativa: um diálogo com Oliver Sacks. *Matrizes*, São Paulo, 11(2):35-55, maio/ago.
- BRAGA, José L. 2015. O grau zero da comunicação. *E-compós*, Brasília, 18(2):1-18, maio/ago.
- HJARVARD, Stig. 2014. Miatização: conceituando a mudança social e cultural. *Matrizes*, 8(1).
- KUHN, Thomas S. 1982. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.
- LUHMANN, Niklas. 2018. *Teoria dos sistemas na prática: vol. 1, estrutura social e semântica*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- MARLET, Ramon Q. 2019. Fundamentos epistemológicos e metodológicos da perspectiva cognitiva da comunicação. *In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, Porto Alegre.
- MIÈGE, Bernard *et al.* (org.). 2016. *Operações de miatização: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo*. Santa Maria, FACOS-UFSM.
- POPPER, Karl. 2013. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix.